

# **Episódios da Guerra do Açu (c.1687-1720): um olhar sobre a resistência indígena no interior da capitania do Rio Grande**

**Mayara Giovana Costa Pinheiro**

Graduanda em História

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A violência junto à expansão das fazendas de gado para o interior das capitanias do Norte foi a principal responsável pelos embates ocorridos entre os povos indígenas e os colonos que buscavam a posse daquelas áreas após a expulsão dos holandeses na guerra da restauração pernambucana (1630-1654). A ocorrência dos conflitos no sertão, no período da chamada Guerra dos Bárbaros, reverberava a incompatibilidade de interesses que reinavam entre os colonos e os índios, em que os primeiros se encontravam na situação de sedentos por terras, e os últimos receosos em perder suas posses. Na visão dos portugueses, os tapuias eram vistos como povos “primitivos”, “selvagens” e “bárbaros”, mas que, paradoxalmente, apresentavam uma organização social capaz de resistirem à sua submissão. O reflexo de tal resistência desencadeada pelos tapuias é explicitado mediante a apreensão que estes colonizadores deixaram transparecer na documentação trocada entre autoridades locais e ultramarinas, em que muito se falava sobre a condição miserável em que a capitania e os moradores se encontravam sempre que os nativos apresentavam um comportamento reacionário à nova situação que estava se configurando. Nesse sentido, objetiva-se nesse trabalho analisar alguns documentos depositados no Arquivo Histórico Ultramarino referente aos eventos da Guerra do Açu com o fim de compreender como se processou a resistência bélica desses povos frente à expansão do império português no interior da capitania do Rio Grande, apontando tanto quanto possível a agência indígena nesse contexto histórico de instabilidade social.

**Palavras Chave:** Guerra do Açu; Resistência Indígena; Capitania do Rio Grande

## **INTRODUÇÃO**

Na intenção de expor alguns episódios que refletem as mais diversas maneiras de resistência desencadeada pelos índios classificados como “Tapuia” no conflito que ficou conhecido como a Guerra do Açu, ocorrido aproximadamente entre 1687-1720, será a princípio explicitado de forma sucinta o contexto em que se deu o dito conflito, isto é, no decurso da Guerra dos Bárbaros, que se prolongou de 1650 a 1720 no sertão das então capitanias do norte do estado do Brasil.

Como se sabe, foi no contexto da expansão da colonização para o interior da capitania do Rio Grande, motivada pela expansão da pecuária que se deu o embate envolvendo os colonizadores luso-brasileiros e os diversos grupos de índios tapuias que se encontravam naquela região; os índios, motivados pela ameaça que tais colonizadores representavam, desencadearam vários conflitos em que buscavam defender e recuperar a condição social que vivenciavam antes da efetiva presença de não índios no sertão colonial.

## OS TAPUIAS NO SERTÃO COLONIAL

Na historiografia tradicional a questão referente a expansão da pecuária é mostrada de uma forma distorcida em relação ao que é demonstrada nas fontes coloniais, na medida em que fala que tais expedições teriam ocorrido em direção a um espaço vazio; assim, omitindo a presença indígena na região correspondente a atual região do Nordeste do Brasil, antes e depois da chegada dos europeus, as lutas travadas contra os povos indígenas na empreitada de povoamento do sertão, acaba por construir a ideia de que o sertão era um espaço vazio, que se encontrava a espera dos colonizadores<sup>1</sup>.

Sobre o episódio referente à expansão colonizadora portuguesa que se deu após a expulsão dos holandeses na Guerra de Restauração pernambucana (1630-1654), a Coroa portuguesa passou a acumular motivos para querer empreender a ação colonizadora no interior de suas posses, a saber, entre outros, o medo de assim como os holandeses, outro país europeu invadir as suas possessões na América. Por isso o desejo de interiorizar a posse efetiva para assegurar que isso não mais ocorreria; a forma encontrada então pela coroa consistia na liberação de mais terras para criar solto o gado que após a considerável perda de importância da empresa canavieira, passou a ser uma atividade econômica de grande importância, especialmente, na forma de alimentar a região das Minas Gerais, potencial região aurífera; com isso, deu-se o surgimento da “época do couro”, período em que este material obteve proeminência e repercutiu em bons lucros para os colonos, mediante a fundação de oficinas de curtumes e atados. Sendo esse os dois principais fatores que impulsionaram a interiorização da capitania<sup>2</sup>.

Ora, quando a interiorização promovida pela expansão da pecuária estava apenas começando, na medida em que as fazendas de gado iam-se instalando pouco a pouco às margens dos rios e adentrando cada vez mais o interior da capitania, foi estabelecida inicialmente, uma convivência aceitável entre os colonos e os tapuias; situação que se configurou em decorrência de ter havido um temor mútuo entre as partes, especialmente, devido o contato de aliança que os índios mantiveram no momento anterior com os holandeses<sup>3</sup>.

O medo que perpassava inicialmente os primeiros contatos estabelecidos entre luso-brasileiros e os índios tapuias, apresenta-se imbuídos na própria classificação que os colonos atribuíam aos índios, que eram corriqueiramente apresentados como ferozes e truculentos. Além dessas adjetivações, os tapuias também eram invariavelmente considerados como sendo selvagens, na medida em que apresentavam uma organização

social múltipla, espalhados pelo sertão colonial, logo, poderiam eles apresentar uma resistência mais forte a submissão que pretendia empreender os agentes da coroa portuguesa<sup>4</sup>.

De tais características, fortemente construídas, constatou-se a partir do instante em que aquela inicial “convivência aceitável” passou a ser substituída por uma convivência conflituosa, mediante o considerável aumento populacional e a ascendente expansão para o interior; gerando um mal estar entre os indígenas, que se viam a cada dia mais perdendo suas terras invadidas pelos colonos para a implantação de pastos e currais, e que em decorrência da situação desfavorável que estava se configurando, desencadearam um levante que culminou com a explosão do conflito da Guerra dos Bárbaros, e conseqüentemente a Guerra do Açu, região na qual se deu, os maiores levantes em termos de conflitos armados<sup>5</sup>.

Nesse sentido, objetiva-se nesse trabalho analisar alguns documentos avulsos do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU-RN) referentes aos eventos da Guerra do Açu na capitania do Rio Grande, com o fim de compreender como se processou a resistência bélica desses povos frente à expansão do império português no interior da capitania, apontando tanto quanto possível a agência indígena nesse contexto histórico de instabilidade social.

## **A GUERRA DO AÇU NOS DOCUMENTOS DO AHU-RN: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Como mencionado, a denominada Guerra dos Bárbaros ocorrida entre 1650 e 1720, faz parte de uma série de conflitos que marcara o fim de certa amistosidade que se tinha com os índios no momento inicial da colonização, momento este em que a colônia não despertava tanto o interesse dos lusitanos e as relações amigáveis com os índios eram tidas como indispensáveis. Posteriormente, com a expulsão dos holandeses e a partir do momento em que entra em cena as expedições colonizadoras, a relação passa a ser diferente daquela que se tinha até então e para melhor atender aos fins econômicos intuídos pela coroa, seus agentes locais almejavam nessa etapa a catequização, a escravização e, no limite, a expulsão dos povos indígenas<sup>6</sup>.

No que diz respeito à Guerra do Açu, a violência que veio junto com a expansão das fazendas de gado para o interior da capitania do Rio Grande e suas vizinhas foi a principal motivação responsável pelos embates ocorridos entre os povos

indígenas denominados de tapuias e os colonos luso-brasileiros, que buscavam a colonização daquelas áreas após a expulsão dos holandeses.

Segundo Suassuna, estes embates representaram uma longa e resistente luta desenvolvida entre os povos indígenas e os colonizadores da região, e nas palavras de Tavares de Lira (1982), foi o acontecimento de maior importância ocorrido na capitania durante os últimos anos do século XVII<sup>7</sup>.

O reflexo de tal resistência tomada pelos tapuias, considerada como sendo predatória para o colonizador português, é explicitado mediante a notória apreensão que estes colonizadores deixaram transparecer nos documentos coloniais; nestes documentos é possível perceber uma correspondência trocada entre os administradores da capitania e o rei de Portugal, em que muito se falava sobre a condição miserável em que a capitania e os moradores se encontravam sempre que os nativos apresentavam um comportamento reacionário à nova situação que estava se configurando, que, de acordo com eles, era notoriamente prejudiciais a sua existência.

A documentação pertencente ao Arquivo Histórico Ultramarino apresenta alguns episódios da guerra do Açú que nos revela quão forte foi a resistência daqueles povos indígenas no sertão, que sofreram as consequências da expansão portuguesa em direção a suas terras. Antes de analisar alguns desses episódios é preciso reconhecer com Cristina Pompa que a denominação de “tapuia” é uma categoria política forjada no período colonial junto com as estradas no âmago dos conflitos contra os índios; isto é, diziam-se tapuias todos aqueles povos indígenas considerados hostis, selvagens e bárbaros que resistiam a colonização no sertão colonial no século XVII<sup>8</sup>.

Em 1711, O capitão-mor do Rio Grande do Norte Salvador Álvares da Silva, menciona um episódio bastante revelador da força dos índios resistentes. Diz ele que um bando de tapuias promovera a morte de cinquenta e dois colonos na região, inclusive, matando o gado nas fazendas; tudo isso, em represália a ação violenta dos vaqueiros que ali se encontravam, acusados de terem matado vários índios. De sua parte, o capitão mor Salvador Álvares da Silva, escreve ao rei, visando uma atitude imediata por parte da coroa, que deveria tomar medidas contundentes que fossem capazes de sanar aquela grave situação vigente<sup>9</sup>.

As armas que eram utilizadas pelos tapuias para atacarem o gado dos vaqueiros que habitavam a região, teriam sido fornecida por estrangeiros, quando estavam sob o domínio dos holandeses<sup>10</sup>.

Em outro documento, uma consulta do Conselho Ultramarino ao rei D. Pedro II, sobre diversas cartas vindas da capitania do Rio Grande a respeito da Guerra dos Bárbaros, é mostrado o estado miserável da capitania e da fortaleza dos reis magos como sendo resultado da resistência empreendida pelos tapuias, além destes estarem empreendendo assaltos diários aos moradores da capitania:

Pareçe ao concelho conçiderados do Brasil dos miserável estado, em que se [ ] as placas e fortalezas delle incapazes de se poderem conçervar, se houver inimigos que intentem cometelas por se acharem faltaz de todo meio de sua defenca e as consequências que da sua perda pode resultar esta coroa, e seja muito convenientes ao serviço de V.Mg<sup>de</sup> que se trate por todo o caminho do seu remédio, que se ainda é obre nellas tudo o que for necessário, para que esteja com toda obra prevençãõ, e segurança quando se offere, necessário<sup>11</sup>.

A resistência que pelos tapuias foi apresentada durante a guerra do Açú, causou de acordo com a documentação, um transtorno geral na capitania e entre aqueles que a administravam. Desse modo é explicitada toda a apreensão que envolvia o conselho ultramarino nesse período, na medida em que este, a par da situação desamparada em que viviam os moradores da capitania em tempos de guerra, requisitava a proposta de se fazer pedidos de paz para tentar acabar com os conflitos então vigentes na capitania.

Além disso, a documentação também emite outras consequências que a referida resistência trouxera para a capitania, como foi o caso da omissão que os moradores apresentavam em pagar o dizimo pelo fato de estarem descontentes com a guerra. Tal situação, mostrou-se completamente prejudicial às tentativas de cessar a guerra, uma vez que a fazenda real nesse momento encontrava-se incapaz de suprir os gastos que a guerra gerava.

Com que se possa reedificar, e no discurso destes annos por cauza das guerras tem VMg.<sup>de</sup> perdido os dizimos, q oje havião emportar<sup>12</sup>

Outra forma de resistência não muito discutida pela historiografia potiguar diz respeito à fuga dos índios tapuias quando deflagrada a guerra. Sobre esse assunto, há um episódio da guerra em que os índios ao serem perseguidos por tropas luso-brasileiras e não apresentarem obediência ao rei fugiram para a capitania do Ceará, onde, de acordo com a fonte, tentaram persuadir outro grupo indígena, os paiacus a se rebelarem contra os intuitos da coroa portuguesa.

Ao mesmo tempo, que despedi bandeira ao situar as novas missoins, ordens ao cabo que depois de estabelecidas, me mandasse aviso, para lhe enviar mais gente com que fosse castigar huns tapuyas nossos inimigos [ ] [Vriûs], que tinham ido persuair os Payacûs não asitassem missionaros, mas antes com elles juntos me viessem destruir<sup>13</sup>

Além dos eventos apresentados na referida documentação que esboçam momentos da força da resistência indígena frente aos colonos lusos-brasileiros, existiram muitas outras formas em que a resistência indígena se manifestou no sertão das capitania do norte do estado do Brasil, como foi o caso em que, já no final da guerra, os tapuias invadiram o arraial de Ferreiro Torto visando matar os moradores que lá se encontravam e capturar as suas armas<sup>14</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, torna-se notório o fato de que a resistência empreendida pelos tapuias representou o maior impasse a interiorização idealizada pelos portugueses, sendo tão significativa ao ponto de que, o fim da guerra dos bárbaros significou apenas o fim da conquista das terras do sertão pelos colonizadores, ao passo que, apesar de ser menos incisiva do que aquela apresentada no auge da guerra, a resistência persistiu<sup>15</sup>.

Além disso, a guerra do Açú também evidenciou a importância que a capitania do rio grande teve para o mundo colonial, na medida em que se mostrou como sendo um local bastante propício para o desenvolvimento da criação de gado, atividade que era voltada para o consumo interno.

---

<sup>1</sup> Pires, Maria Idalina da Cruz. *A guerra dos Bárbaros: resistência e conflito no nordeste colonial*. Recife:UFPE, 2002.

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Lopes, Fatima Martins. *Índios, colonos e missionários na colonização da capitania do Rio Grande*. Natal: Instituto histórico e geográfico do Rio Grande do Norte, 1998.

<sup>4</sup> Pires, Maria Idalina da Cruz. *Op. Cit.*

<sup>5</sup> Lopes, Fatima Martins. *Op. Cit*

<sup>6</sup> Pires, Maria Idalina da Cruz. *Op. Cit.*

---

<sup>7</sup> Suassuna, Luíz Eduardo Brandão & Maris, Marlene da Silva. *História do Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

<sup>8</sup> Pompa, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e "Tapuia" no Brasil colonial*. Bauru,SP: EDUSC, 2003.

<sup>9</sup> CARTA, do [capitão mor do rio grande do norte], Salvados Álvares da Silva, ao rei [ D. João V], sobre a destruição que os índios "Caboré-Açú" fizeram na Ribeira do Açú como vingança do ataque que sofreram dos vaqueiros. Post. 30/11/1711. AHU-RN [Arquivo Histórico Ultramarino, Documentos avulsos do Rio Grande do Norte], cx.1, doc. 68.

<sup>10</sup> Trindade, Sérgio Luiz Bezerra. *Introdução a História do Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2007.

<sup>11</sup> CONSULTA do Conselho Ultramarino ao rei D. Pedro II, sobre diversas cartas recebidas acerca do estado de ruínas da Capitania do Rio Grande do Norte e da Fortaleza dos Reis Magos por causa da Guerra dos Bárbaros. 23/11/1693. AHU-RN, cx.1, doc. 35.

<sup>12</sup> Idem

<sup>13</sup> CARTA do mestre-de-campo do terço dos paulista Manoel Alvares de Moraes Navarro ao rei (D.Pedro II) sobre o castigo que mandou dar aos Tapuias "Uriús", "Caratiuses", "Icós" e "Caratis" que não queriam sujeitar-se à obediência ao rei de Portugal. 11/05/1700. AHU-RN, cx.1, doc. 51

<sup>14</sup> Trindade, Sérgio Luiz Bezerra. *Op. Cit*

<sup>15</sup> Pires, Maria Idalina da Cruz. *Op. Cit.*